



Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Julho de 1988

N.º 7

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Julho de 1988

N.º 7

SUMÁRIO

Página

Pequena crônica de antepassados — Orestes Nesti	194
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	207
Conselho Curador se reúne e presta duas homenagens	208
Acervo bibliográfico de Norton Azambuja foi doado à Fundação "Casa Dr. Blumenau"	208
Dr. Afonso Rabe	209
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	212
Jaime de Oliveira Coelho — Figura do presente com muita histó- ria do passado — José Gonçalves	214
Dezoito meses na América do Sul e suas Colônias Alemãs — II Parte	217
Frederico Kilian	222
Aconteceu... — Junho de 1988	223

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 200,00 + 50,00 (porte) = 250,00

Número avulso Cz\$ 25,00 — Atrasado Cz\$ 50,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 500,00 + 200,00 (porte) = 700,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Pequena crônica de antepassados

Em meados do século passado a Alemanha vivia um período de instabilidade política e econômica, reflexo da crise européia de 1848. Em decorrência dessa situação de intranquilidade social, muitos trabalhadores, artesãos e agricultores preocupavam-se com as incertezas do futuro. Buscando uma saída, concluíram que o caminho a seguir seria a emigração para novas terras. As Américas figuravam como países promissores, com seus imensos recursos naturais, onde tudo estava por fazer, necessitando de braços para explorá-la e povoá-la. Assim, por essa época, foram criadas na Alemanha diversas companhias de colonização.

O Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, nascido em 1819 em Hasselfelde, engajou-se nessa aventura. Jovem farmacêutico, idealista e homem de iniciativas, foi para Londres em 1843 onde ficou conhecendo Johann Jakob Sturtz, que entre outros encargos, dedicava-se a contratar imigrantes para o Brasil, atividade que despertou o interesse do Dr. Blumenau. De volta à Alemanha, difundiu um folheto, em 1846, versando sobre a emigração e colonização alemã.

Nesse ano embarcou para o Brasil como representante da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil", órgão de uma companhia de colonização com sede em Hamburgo. No Rio de Janeiro apresentou planos de colonização ao Governo Imperial do Brasil e no sul visitou colônias de imigrantes alemães em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Em fins de 1847 associou-se a seu patrício Ferdinand Hackradt, a quem conhecera no Rio de Janeiro, planejando percorrer a região do vale do rio Itajaí, tendo em mira a possibilidade de ali instalar um plano de colonização, por conta e risco próprios em plena selva.

Começaram, em 1850, por adquirir terras às margens do Itajaí, num total de 155.000 jeiras. Hackradt dá início ao desmatamento e à construção de serra-rria e alojamentos destinados aos futuros imigrantes pioneiros. O Dr. Blumenau embarca para a Alemanha em 1849, conseguindo a contratação dos primeiros 17 imigrantes destinados à nova colônia.

Voltando ao Brasil, encontrou os trabalhos iniciais muito mal encaminhados, o que ocasionou a retirada de seu sócio, tornando-se Blumenau, a partir de fins de 1850, o único proprietário e dirigente do empreendimento.

A 2 de setembro desse ano chegam à Colônia os 17 primeiros imigrantes. Em 1851 foi ele ao Rio de Janeiro, conseguindo do Governo Imperial o empréstimo de 10 contos de réis para custeio e assentamento da Colônia.

Transcrevemos, aqui, trecho do livro "Südbrasilien" de J. Hörmeyer, publicado em Hamburgo em 1857:

"Depois de ter dedicado grande parte de seu tempo em incentivar a emigração alemã, repentinamente se viu abandonado por tudo e quase todos, mas não perdeu a coragem de, por iniciativa

própria, continuar o empreendimento, sacrificando quase todas as suas posses, cerca de 10.000 thaler, para a fundação de sua Colônia. No ano de 1850, Dr. Blumenau adquiriu no alto do Rio Itajaí, acima da mais antiga colônia alemã, uma faixa de terra junto ao Ribeirão da Velha. Recebeu então do Governo Provincial nova área que no total perfazia cerca de 10 léguas quadradas, ou como ele mesmo disse: 155.000 morgens prussianos, que agora perfazem 350.000 morgens. O local da escolha não podia ser mais feliz. O clima da Província era excelente; a Colônia estava localizada favoravelmente próxima ao porto na barra do rio, facilitando a comercialização com Santa Catarina (Desterro) e Rio de Janeiro que podia ser alcançado em 36 horas."

Para complementar os custos da colonização, conseguiu também o Dr. Blumenau o empréstimo de particulares ao qual juntou a herança recebida pelo falecimento de seu progenitor, no valor de 48.000 marcos. Assim pôde dar continuidade à obra iniciada, pois, em 1851 chegaram mais 8 imigrantes, alcançando em 1852 o total de 110 colonos, o que veio consolidar o plano inicial de colonização.

As terras foram distribuídas ao preço simbólico de 10 mil réis por área aos pioneiros, quantia que cobria apenas os custos de demarcação em plena floresta virgem.

Cessado o tráfico de escravos em 1850 ao Brasil, a imigração de colonos alemães se intensifica, alcançando um contingente anual de 2.000 pessoas entre 1856 e 1862. Em 1900 o "Urwaldsbote



Jakob Schmidt, pai de Maria Bürger

Kalender" estampava um artigo do Sr. Richard Hinsch, assim resumido: "Quando há 50 anos passados, os primeiros colonos fizeram sua entrada silenciosa em Blumenau, não encontraram nada mais que uma agressiva e inóspita floresta virgem. As grandes árvores foram derrubadas e queimadas. O plantio é feito com o uso da enxada que é a única ferramenta que o imigrante possui. O preparo de uma roça é o sistema mais primitivo e rudimentar e representa o maior e mais condenável desmatamento conhecido."

A selva era povoada de mosquitos, cobras, animais e aves selvagens. De vez em quando os índios faziam incursões predadoras, de surpresa. Para alcançarem as

terras que lhes foram destinadas ou por eles escolhidas, abriam os colonos picadas através da selva. Depois da primeira derrubada da mata, construíam uma habitação primitiva, geralmente aproveitando os troncos e folhas das palmeiras, ampliando a picada para possibilitar a mudança e a instalação definitiva da colônia. Mais tarde procuravam transformar essa picada num caminho precário com a ajuda dos vizinhos em mutirão.

Em 18 de julho de 1856 embarcava em Hamburgo, no navio "Fortuna", com destino a Blumenau, August Alexander Bürger, nascido na Alemanha em 1817, em companhia da família, composta da esposa Friederike Ernstine Louise (nata Koch), e 4 filhos, oriundos da cidade alemã de Görlitz. Poucos meses após sua chegada ao Brasil, escreveu a seus amigos dessa cidade a seguinte carta:

"Colônia Blumenau, 19 de janeiro de 1857 — Prezados Amigos! — Primeiramente envio a todos vocês nossa cordial felicitação para o Ano Novo e o desejo que estas linhas os encontrem num agradável bem-estar como do mesmo modo conosco acontece. Nós chegamos aqui felizes, apesar de uma viagem bastante longa; todavia, temos a lastimar a perda de um dos filhos, nosso pequeno Heinrich, da idade de 4 meses, no dia 23 de agosto, que o amado Deus levou para si, quando nos encontrávamos em frente à Ilha da Madeira.

Aos 18 de julho passamos em-

barcamos no porto de Hamburgo no navio "Fortuna", sob o comando do Capitão Burgdorf. Os tripulantes do navio, além do capitão e do piloto, consistia de 4 marinheiros e o cozinheiro. O número de passageiros era ao todo de 33 pessoas, entre os quais, fora eu, minha mulher e os 4 filhos: o construtor Meher e o pedreiro Lintner, ambos de Görlitz, juntamente com suas famílias, assim como o agricultor Richterwiss, de Waldau, com a mulher e 5 filhos. Dos demais passageiros, a maioria era da Pomerânia e de Mecklenburgo. Até 20 de julho, por causa de ventos desfavoráveis, nós ficamos parados em frente de Altona, até que o navio "Pilot" nos rebocou por 3 milhas aproximadamente, navegando pelo Rio Elba abaixo, ficando novamente um dia parados, alcançando a cidade no dia 22. Um dia depois o Capitão veio de Hamburgo para o "Fortuna" em navio a vapor e no dia 24, às 2 horas da madrugada, com ventos favoráveis, o "Fortuna" levantou as âncoras para a partida.

Às 10 horas da manhã nós passamos por Kurhafen e logo nos encontramos em mar aberto, afastados de toda terra. Às 3 horas da tarde avistamos a Ilha de Helgoland, nas proximidades da qual forte vendaval com tempestade nos surpreendeu e nos desviou consideravelmente de nossa rota. Somente perto das 8 horas da noite conseguimos atingir o lado direito da ilha, cuja visão era muito bonita. O mar tinha se tornado novamente calmo; só

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

alguns relâmpagos iluminavam de quando em quando o firmamento, ocasião em que o farol e as casas sobressaíam magnificamente. Aqui os passageiros tiveram os primeiros sintomas de enjôo, que eu e minha família pouco sentimos, como as demais pessoas pelo resto da viagem.

Nossa alimentação era farta e boa; de manhã era servido o café e à noite o chá. No almoço, 4 dias por semana, havia carne bovina e nos outros dias, carne suína com legumes. Aos sábados o cardápio era diferente, onde cada pessoa recebia 2 arenques com risoto, o que logo se tornou o prato favorito de todos. Nesse dia havia também a distribuição de gêneros alimentícios para a próxima semana, cabendo para cada pessoa, entre outros: 5 libras de pão; 14 "Loth" de manteiga e 8 "Loth" de açúcar, vinagre e sal.

Nosso Capitão, que era um grande amigo das crianças, divertia-se freqüentemente à noite com os pequenos. Praticavam-se diversos jogos, e às vezes também se cantava e tocava, visto que alguns dos passageiros possuíam talento musical.

As vezes, durante as calmarias que nos atribulava com freqüência, também se pescava e apanhávamos uma espécie de peixes chiadores, que possuem barbatanas, providos de longos espinhos ameaçadores com os quais se defendem.

Na madrugada do dia 2 de agosto ao Canal de onde se avistava a costa da Inglaterra com seus rochedos calcários providos de faróis, juntamente com grande número de navios. Somente no dia 4 de agosto perdemos de vista totalmente a costa da Inglaterra.



Brasão da cidade de Górlitz
na Alemanha

ra. Um tubarão, um verdadeiro monstro de 90 pés aproximadamente, perfazendo todo o comprimento de nosso navio, chamou nossa atenção quando se aproximou do seu costado.

Com ventos nem sempre favoráveis, chegamos na tarde de 23 de agosto perto da Ilha da Madeira, no Oceano Atlântico. Nesse dia faleceu o nosso filho caçula, como eu mencionei anteriormente, o qual tivemos de deitá-lo ao mar no dia seguinte.

Do dia 25 de agosto até 3 de setembro tivemos um tempo agradável e um vento propício à navegação. Nesses dias vinham ao nosso encontro, cardumes de peixes-voadores, que se contavam aos milhares, muitos dos quais caíam no convés do navio. Como estamos nos aproximando da Linha do Equador, foram colocadas bolsas de vento no convés intermediário para que sempre circu-

lasse ar fresco. Nesta ocasião cruzamos com diversos navios. Durante as sucessivas chuvas, aproveitamos para colher água potável. No dia 19 de agosto tivemos tempo límpido e bonito; entretanto estava tão frio que vários passageiros precisaram vestir roupas de inverno. Na noite desse mesmo dia cruzamos o Equador. Essa passagem festiva foi comemorada no dia 20 com a cerimônia do "Batismo do Navio", segundo o costume tradicional. O Piloto fazia o papel de Netuno e o marinheiro mais idoso representava o seu barbeiro. Os demais marinheiros cruzavam a Linha do Equador pela primeira vez, e eles, como a maioria dos passageiros, receberam o "batismo" com água do mar. Após o término dessa cerimônia, o Capitão distribuiu algumas garrafas de vinho, e à noite nos divertimos com música e cantos no convés.

Vários dias depois, passou por nós uma embarcação sueca e outra americana; este último era um excelente velejador, pois logo nos deixou para trás. No dia 30 avistamos a alguma distância de nós, 2 baleias, muitos peixes pequenos e cardumes de "peixe-porquinho", que já havíamos visto durante a viagem, com certa frequência. Também avistamos um segundo tubarão de tamanho médio.

Após vários dias de calma, no dia 4 de setembro começou a soprar uma brisa favorável, de modo que pudemos percorrer 8-9 milhas por "vigia". A "vigia" é a unidade de tempo pela qual tudo é calculado no navio; corresponde a um período de 4 horas seguidas, exercidas pelos marinheiros em serviço, após o que lhes é dada uma folga.

O vento a nosso favor, era agora constante e só foi interrompido pela ocorrência de um vendaval seguido de tempestade passageira. No dia 13, às 9 horas da manhã, avistei ao longe uma fraca faixa azul, e, um pouco mais tarde, um segundo ponto no horizonte, que através de minha pequena luneta, acreditei estar vendo o perfil de montanhas ao longe. Na ocasião a equipagem estava ocupada em armazenar água no convés, quando, ao ouvirem meu entusiástico grito: terra, terra, ficaram todos imóveis olhando para a direção apontada. O Capitão e o Piloto subiram aos mastros e assestaram seus binóculos; todavia acharam que não se tratava de terra firme e nos impeliram a terminar o baldeamento da água potável. Seguindo a viagem, em pouco tempo os pontos no horizonte iam se tornando mais nítidos e logo não restavam dúvidas de que eu havia avistado a costa, e que as montanhas brasileiras estavam diante de nós. Com a previsão de termos em terra melhor água para beber, ficou suspensa sua baldeação para o convés, e, às 4 horas da tarde, tivemos realmente a alegria de passar por entre as montanhas avistadas. Grandes aves aquáticas, gaivotas e albatrozes, e uma tartaruga enorme, de 5 a 6 pés de comprimento, foram por nós avistadas. Nós adentramos uma milha na baía de Santa Catarina (Desterro-Florianópolis), ancorando em seguida. Fazia uma noite esplêndida; a lua cheia iluminava as altas montanhas situadas dos dois lados, bem como as pequenas habitações ribeirinhas; na água cintilavam milhares de pontos dourados dos moluscos.

Ac romper da manhã do dia

seguinte, procuramos com ansiedade por um Piloto-Prático para conduzir o navio ao porto, mas não encontramos nenhum. Finalmente nosso Piloto, em companhia de 3 marinheiros, foram de escaler para terra com o intuito de contratar um desses pilotos-práticos. Ao chegarem ao Posto de Serviço foram informados de que julgaram que o navio não necessitava de Prático por não ter seu Capitão hasteado a bandeira de pilotagem, e tratar-se de parada para simples pescaria. Ao invés do Prático, nossos marinheiros trouxeram flores de grande esplendor e enormes cactus, cujos caules ultrapassavam a estatura de um homem. Finalmente à tarde, decidimos entrar no porto de Santa Catarina sem os pilotos-práticos, mas, durante o trajeto fomos apanhados por um vendaval com forte chuva encharcando tudo a bordo. Logo após haver-mos chegado ao porto, uma embarcação conduzindo a Comissão de Investigação aproximou-se de nosso navio. Todos os passageiros, sem exceção, tiveram que se apresentar no convés para serem identificados e contados. Em seguida o Capitão Burgdorf foi com esses senhores para a cidade; enquanto isso, chegou ao navio um Fiscal da Alfândega que permaneceu a bordo enquanto durou a permanência no porto.

Nosso Capitão retornou à noite juntamente com os marinheiros que o acompanharam, os quais trouxeram os presentes ganhos dos membros da Comissão de Investigação, consistentes de excelente carne fresca bovina, grandes cabeças de repolho, melancias, cebolas, bananas e outras frutas que saboreamos com prazer.

Na noite seguinte, houve uma borrasca tão violenta que nós nos consideramos felizes e com a sorte de estarmos ancorados no porto. O Capitão não conseguiu voltar ao navio nessa noite, e nós fomos obrigados a lançar a segunda âncora para manter a embarcação segura. Quando no dia 16 de setembro os marinheiros foram à cidade para fazer compra de alimentos frescos, eles não puderam regressar ao "Fortuna" por causa de nova tempestade que os reteve no local. Quando começou escurecer, a tempestade amainou um pouco, o que fez que tentassem se aproximar do navio, em companhia do Capitão, mas a tempestade tornou-se novamente violenta e as grandes ondas lançaram o bote em que se encontravam, em lugar bem distante do "Fortuna". O Capitão deu ordens para arriar do navio o grande escaler, para ir em seu socorro, operação que foi feita com presteza, lançando um comprido cabo de um barco a outro. Felizmente o transbordo foi feito a tempo para o barco maior, pois o risco de afundamento de onde se encontravam aumentava a todo instante devido à violência das ondas.

No dia seguinte, veio ao "Fortuna" a Comissão Alfandegária e depois que nossas bagagens foram examinadas, nos dirigimos para terra. Na cidade fiquei sabendo que o serralheiro Pinger, de Görlitz, se estabelecera em Santa Catarina. Nós o procuramos em sua nova moradia, e tanto quanto nossa curta permanência permitiu, eu e Ernst Maher demos nossa ajuda na organização de sua forjaria; nosso patricio tem muitas encomendas e seu trabalho é muito bem pago. Pinger e sua família nos levou à cidade,

onde ficamos admirados com os belos jardins que continham belas roseiras, mirtos e cactus. Uma grande surpresa preparou-nos Pinger quando nos levou a um local onde encontramos o terceiro görlieense, o mestre-ervejeiro Thobias, que, em sociedade com um ervejeiro de "Landshutschlesien", estabeleceu aqui uma cervejaria, motivando esse encontro grande contentamento entre todos.

Ao desembarcar, as mulheres e filhos dos passageiros ficaram admirados com as muitas raças humanas que aqui vivem. Coexistem pessoas de tez branca, morena, até o mais belo preto-éban, geralmente todos bem vestidos.

Depois de 3 dias de permanência em Santa Catarina (Desterro), um navio de guerra nos transportou em 18 horas até a Barra (Foz) do Itajaí. Usualmente viaja-se em seguida pelo Rio Itajaí acima, até Blumenau, mas como o navio não tinha suficiente provisão de carvão, baldeamos para uma embarcação de navegação costeira que em 4 dias nos trouxe a Blumenau, onde chegamos no dia 27 de setembro de 1856 à noite, ao fim de nossa viagem e alívio de nossa nova Pátria. A referida embarcação era no entanto muito pequena; não se podia cozinhar a bordo, e assim ao meio-dia e à noite desembarcávamos para em terra preparar nossas refeições e procurar alojamento nas casas dos habitantes da região para o pernoite. Nós fomos acolhidos pelos brasileiros muito hospitaleiramente, e lamentávamos não sermos capazes de falar sua língua para exprimir-lhes nossa gratidão. Os pretos, designados escravos apenas formalmente, traziam-nos bananas e belas flores enviadas por seus senhores. Eles eram

particularmente simpáticos às crianças e procuravam descobrir os seus nomes, dentre os quais, o de minha filha, Marie, lhes era mais compreensível e familiar, por causa do culto à Virgem Maria de sua religião católica.

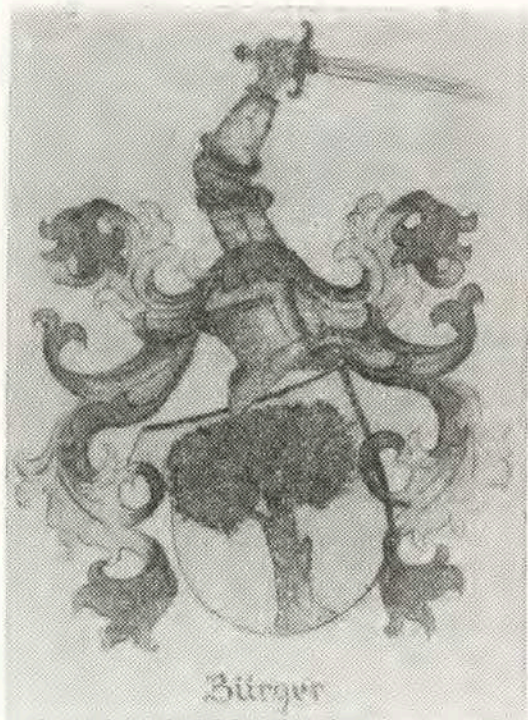
Em Santa Catarina notei negros mui elegantemente vestidos, portando relógios com correntes de ouro, assim como negras com os mais belos vestidos de seda. Na maioria possuem eles total liberdade pessoal; só à noite precisam se apresentar ao seu senhorio e entregar-lhe uma parte do dinheiro ganho em trabalhos avulsos no campo, para os quais são muito procurados.

De Santa Catarina até Blumenau não tivemos mais nenhuma despesa; Weher ficou por lá mesmo; nossa bagagem chegou em bom estado e ficou com nós na cidade. Entrementes, no dia 29 de setembro, me dirigi à Colônia para tomar conhecimento e informar-me das condições locais. Logo localizei uma área que achei favorável, decidindo comprá-la. A terra era melhor que a da cidade, a posição da Colônia, mais bonita e mais protegida das enchentes; também os terrenos consideravelmente mais baratos. Compramos uma área de 118 "morgens", assim distribuídos: um certo Sr. Busch, de Dassau/Stettin ficou com 100 "morgens"; Krause, Lindner e eu, ficamos com 6 "morgens" cada um. Pagamos 3 mil réis por cada "morgen"; o mil réis é igual a 25 "Sgr.", conforme a moeda prussiana, portanto igual a 2,5 "Thaler". Dos 6 "morgens" por mim adquiridos, eu desmastei 3, o que foi uma tarefa fatigante, porém espero que valerá o esforço. Na Alemanha provavelmente eu jamais chega-

ria a possuir 3 "morgens" de terra. O imposto é pago uma única vez e vale para sempre, importando em cerca de 3 "Sgr.", portanto, tanto quanto custa esta folha de papel na qual estou escrevendo, visto que, diga-se de passagem, o papel aqui é muito caro e às vezes nem por muito dinheiro é encontrado.

A lenha derrubada deixarei secar e depois será queimada; a que não queimar ficará para apodrecer. Logo depois da queimada, os restos serão retirados para determinar o lugar onde será construída a casa; em seguida é feita a plantação para assim logo obtermos nossos alimentos. Para a construção da casa, entretanto, precisarei de uma ajuda, pois sozinho não serei capaz disso, se bem que eu já ajudei um vizinho nesse tipo de construção. Por enquanto, e até que minha própria casa esteja pronta ficarei morando na casa desse vizinho, pois do contrário teria que retornar diariamente à cidade numa caminhada de uma hora e ficar numa das hospedarias, o que seria muito incômodo. Por enquanto existem duas dessas hospedarias em Blumenau. É um conjunto de construções de um andar que deverão ser ampliados futuramente em longos alojamentos. As casas daqui parecem-se com as casas comerciais alemãs e são feitas com troncos de palmeiras; eu entretanto, prefiro construir uma com material mais sólido. Os restantes 3 "morgens" de meu terreno, eu os deixarei intocados até obter razoável rendimento na primeira metade.

Na Colônia encontram-se muitas pessoas simpáticas e amáveis, o que é facilmente compreen-



Este é um dos três brasões das famílias Bürger, da Alemanha.

sível, porque freqüentemente um precisa da ajuda do outro. Assim, ajudei meu vizinho Busch durante 14 dias no desbravamento de sua mata, podendo contar com ele em caso de necessidade. Com a minha profissão de seleiro tenho já obtido algum ganho, pois a procura é razoável. Quando vou ao trabalho, ganho por dia 4 "Barak" (equivalente a 1 Thal.-2 Sgr.), e 3 refeições diárias com carne. Eu só lamento não ter me munido com mais couro e demais apetrechos necessários, pois, aqui isso é muito caro e difícil de se obter. Os brasileiros apreciam as coisas luxuosas. Aqueles que possuem um veículo que custou 1 conto de réis, equivalente a 1.000 mil réis, ostentam o cabo do chicote revestido de prata, no valor de 80 "Thaller"; esporas de prata

com correntes e roelas de prata na guarnição do tamanho de uma moeda de 2 "Thaler". É comum ver-se cavalos com as rédeas recolhidas com correntes e enfeites de prata que quase não se vê o couro.

Quanto ao centro de Blumenau, a cidade foi fundada há 4 anos pelo Sr. Dr. Blumenau e consiste na praça central e a Colônia, que já se expande por mais de uma hora de caminhada, com propriedades uma ao lado de outras. O local situa-se num bonito vale às margens do Ribeirão Garcia; como os primeiros colonos vieram há 4 anos, com financiamento, possuem agora louças e apetrechos caseiros no valor de 3-400 mil réis cada. A Colônia é muito pobre em dinheiro, porquanto a produção de gêneros alimentícios não cobre as necessidades dos colonos por enquanto, pois os que chegam precisam inicialmente desbravar as suas terras antes que possam semear e colher. A produção de feijão e de carne, principalmente, ainda não são suficientes, mas a situação logo vai melhorar, visto que já chegam a exportar algum açúcar e "Farin" (farinha-de-mandioca). Bananas, laranjas, melancias, pêras, abacaxis e mamões aqui não faltam; com essas frutas é preparado tudo o que é possível.

Aqui, a mim e a meus filhos, agrada bastante, e eles não anseiam em voltar a Görlitz; entretanto, para minha mulher, as condições locais ainda não agradam totalmente, pois tudo é diferente

da Alemanha. Todavia, sua simpatia para com a nova Pátria aumentará quando ela vier a administrar sua própria casa e saborear os frutos de nossa produção. Com as mulheres dos primeiros imigrantes foi exatamente assim que aconteceu.

O primeiro ano de minha permanência aqui será muito trabalhoso, mas espero em breve poder adquirir um cavalo e uma vaca, o que resulta para o agricultor consideráveis facilidades. Para a alimentação dos animais aqui não há problemas; eles são levados ao pasto e assim dão pouca preocupação; todavia a aquisição dos mesmos é cara; um cavalo, por exemplo, custa de 30 a 40 mil réis e uma vaca de 60 a 70 mil réis, mas sua aquisição compensa. De resto, nós temos aqui as mesmas espécies de animais como na Alemanha, além dos cachorros e gatos.

A cidade de Blumenau possui uma farmácia de propriedade do Dr. Blumenau. Além disso, existe um médico, dois comerciantes, um hoteleiro, um ferreiro, um serralheiro, um tanoeiro, dois carpinteiros, dois marceneiros, 2 mecânicos, um agrimensor, alguns alfaiates e sapateiros e um seleiro; estes últimos moram muito distantes uns dos outros. Também existe aqui um moinho, uma serraria e uma olaria, da qual nunca se obtém tijolos, apesar da premente necessidade.

Vindo para cá progressivamente, há pouco tempo, chegaram 4 navios com imigrantes, e um

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

quinto está para chegar. Aqui há lugar não somente para milhares de pessoas, e sim para milhões! Aqueles que tomarem a decisão de seguir-nos, é aconselhável que venham os jovens e pessoas fortes, se os mais idosos não tiverem aqui parentes para se apoiarem. O último navio, trouxe novamente görlienses; a viúva Goerner e os dois irmãos Zündler, dos quais, o mais moço me surpreendeu ao aparecer no momento em que eu estava derrubando a última grande árvore na minha roça de 3 "Morgens".

Além das pessoas mencionadas, não se encontra mais ninguém de Görlitz aqui; dos Dids, Grahl, Konrad, Steinbach e dos Hoehne, não tive mais notícias; as coisas deles que trouxe comigo as conservarei provisoriamente até que possa encontrá-los.

Nossa alimentação é constituída basicamente de feijão preto e carne seca; de manhã temos café e à noite, chá. Tanto o café como o açúcar, são autênticos, ao contrário de nossa terra de origem onde estávamos acostumados a tomar "Chicorien" sob o nome de "Café". O feijão e a carne seca é revezado com arroz, milho ou ervilhas, que são cozidos com carne fresca quando apanho alguma caça. Como a bengala na Alemanha, a espingarda aqui é a fiel companheira para o que aparecer de caça de animais e aves; lamento não ter provido-me de mais pólvora e chumbo ao partir. As aves silvestres possuem uma plumagem esplêndida; são caçadas pombas-do-campo (rolas) e especialmente os "Schakatins" (jacutinga), uma espécie de perus selvagens. Macacos, lebres, veados e porcos selvagens, antas, esta últi-

ma muito gorda e do tamanho de um novillo, formam o quadro da fauna mais freqüente, que em grande parte é apanhada em armadilhas. Ao contrário de vocês, nós aqui agora temos verão, que não é tempo propício para a caça, por isso espero no próximo inverno fazer uma razoável reserva de caça para evitar a compra de carne. Os ofícios que aqui mais prosperam são: os que trabalham com madeira, como, carpinteiro, marceneiro e tanoeiro, os quais ganham muito bem; os ferreiros e os serralheiros. Um oleiro faz falta absoluta e sua ausência é grandemente sentida. Um competente mestre de olaria faria aqui sua fortuna, mas teria que trazer alguns auxiliares de confiança. A lenha para os fornos não custa nada; só em Itajaí encontram-se boas quantidades de tijolos. O milheiro de telhas custa 40 mil réis. O homem que o Dr. Blumenau colocou na olaria existente aqui (um mestre-pedreiro alemão), infelizmente não entende nada do negócio; ele queria colocar Lindner, quando soube que ele era oleiro, mas apesar do bom ordenado oferecido ele recusou a oferta. Também alguém que instalasse uma serraria seria muito bem apoiado pelo Dr. Blumenau. Atrás da propriedade dos Lindners existe 400 "Morgens" de árvores da mais bela madeira e também uma excelente usina hidrelétrica; a quem instalasse a serraria, seria dado o direito de retirar a madeira do vizinho, que em compensação, receberia a 12.^a tábu da produção. Gostaria que os mestres-marceneiros do "Magazine de Móveis dos Mestres-Marceneiros Unidos" de Görlitz, viessem aqui em visita e levassem de

volta à Europa uma carga das mais belas e resistentes madeiras como "souvenir", escolhidas entre as cerca de 300 espécies existentes em minha propriedade.

A falta de um sapateiro deve ser grande em Santa Catarina (Desterro); no nosso desembarque ali, fomos assediados por pessoas perguntando se não encontravam sapateiros entre nós que quisessem ficar por lá como oficiais-sapateiros ou recomendar que viessem da Alemanha, oferecendo pagamento adiantado. Conforme fiquei sabendo, lá um patricio nosso ganha 2 mil réis para confeccionar um par de sapatos femininos leves.

A todo aquele que planejar vir para cá futuramente, aconselho a prover-se de um terno quente para a viagem de navio, mesmo que não seja elegante e do mais recente corte. Além disso, recomendo que os utensílios a serem usados no navio sejam feitos com folhas de metal bem resistentes. São necessários: uma caneca que comporte um quarto; frigideira e panelas para cozinhar; um recipiente para água potável, vasilhas para açúcar e manteiga e vaso noturno com tampa. Além desses objetos, trazer: faca, garfo e colher, e alguns frascos de vidro para vinagre, azeite, etc; e aos que os recursos permitirem, comprem em Hamburgo algumas garrafas de bom vinho e também açúcar. Quem apreciar frutas, como ameixas, pêras e maçãs, devem adquiri-las antes de embarcar, bem como cerca de 15 "Sgr." de pão cortado em fatias de um palmo que poderão ser tostadas posteriormente. Os homens, prioritariamente, deverão trazer uma espingarda de cano duplo e suficiente munição.

A todos aqueles que planejam vir para nossa Colônia, recomendo confiantemente o Sr. Wilhelm Hühn em Hamburgo, e o Sr. Fröbel em Rudolfstadt.

A todos amigos na Pátria, saudações cordiais minhas e de minha família.

ass: Alexander Bürger
Seleiro e Agricultor."

Com esse missivista teve origem a numerosa família Bürger de Blumenau. Foram seus filhos: Ernst Friederich Julius, nascido em Görlitz (Alemanha) aos 12 de maio de 1852, que casou-se em Blumenau com Auguste Louise Rueckert em 13 de março de 1880, sendo oficiante o Pastor Sandrezcki. Heinrich Reinhold, nascido em Blumenau aos 5 de abril de 1858, agricultor, estabelecido em Itoupava-Rega, que casou-se em 22 de setembro de 1882 com Alvine Caroline Bertha Klemz, sendo oficiante o Pastor Sandrezcki. Gustaf Adolf, nascido em Blumenau aos 14 de janeiro de 1860, seleiro, estabelecido em Timbó, que casou-se aos 22 de janeiro de 1887 com Bertha Stahnke em casa da viúva Sra. Lueders, em Indaial, sendo o oficiante o referido Pastor Sandrezcki. Hermann, nascido em Blumenau, aos 22 de fevereiro de 1867, agricultor, estabelecido no bairro Garcia. Foi casado com Maria Schmidt. Emme Maria Louise, nascida em Blumenau aos 11 de julho de 1864, cujos padrinhos foram Gottfried Benz, Christian Kurr e Heinrich Gembkow.

Na relação de moradores na Colônia, em 1872, Alexander Bürger consta como morador da margem direita do ribeirão Garcia, e sua família constava de 9 pessoas: os filhos tinham subido a sete. Veio a falecer em Blumenau em

10 de janeiro de 1900 com a idade de 83 anos, deixando sua marca de dedicação e amor à nova terra.

O ribeirão Garcia tem suas nascentes no morro Spitzkopf, ao pé do qual, em 1870, procurou-se ouro e prata. Anteriormente, em 1850, como já mencionamos, o Dr. Blumenau adquiriu uma faixa de terra junto ao Rio Itajaí e ao Arroio da Velha. Recebeu então do Governo Provincial uma área para o assentamento de uma Colônia de alemães, com autorização do Imperador D. Pedro II, com o total de 10 léguas quadradas, ou seja, 350.000 "morgens". Com a chegada dos primeiros imigrantes pioneiros teve início o processo de colonização e divisão da área. Foram muitas as dificuldades de toda a ordem em vista do primitivismo da região, a necessária aclimação às condições e climas locais, percalços que foram paulatinamente vencidos através do tempo com obstinação, fibra e coragem. O fascínio da nova terra virgem, a mata povoada de palmeiras, os dias ensolarados e as noites de luar com o céu polvilhado de miríades de estrelas, fez com que fossem relegadas a segundo plano as agruras da jornada.

Hermann, um dos filhos de Alexander Bürger, casou-se cerca de um século com Maria Schmidt, nascida em Blumenau, filha de Jacob Schmidt e Dorothea Schmidt. Jacob Schmidt nasceu na Alemanha em 1850, tendo vindo para Blumenau ainda meni-

no, aos 15 anos de idade, vindo a falecer em 1921. Exerceu diversas atividades na cidade; teve carruagens de aluguel para transporte de passageiros do centro para a estação ferroviária e aos bairros; teve ainda uma serraria, conforme se verifica no seguinte registro: "Blumenauer-Zeitung" — Ano 6, N.º 16 — Sábado, 17 de abril de 1886 — "Lokalnachrichten" (Notícias locais). "Novamente bugres foram vistos e no mesmo local onde pouco tempo atrás mataram o colono Spring que estava derrubando uma árvore. Aconteceu o fato nas margens do Garcia onde se encontram duas serrarias isoladas: a do Sr. Wilhelm Schreiber e a do Sr. Jacob Schmidt. Nos fundos destas serrarias existe uma floresta virgem; foram descobertas picadas e habitações dos bugres. Os moradores têm certeza que foram os mesmos que atacaram os colonos; as serrarias estão paradas e os homens se negam a entrar na floresta, pois nada podem fazer."

O casal, Hermann e Maria Bürger, estabeleceu-se em aprazível gleba aos pés dos morros do bairro Garcia, dos quais descia borbulhante regato que desaguava no vizinho ribeirão do mesmo nome. Dedicaram-se à plantação de aipim, cana-de-açúcar, ananás, árvores frutíferas e outras culturas, além da criação de gado leiteiro, cavalos e aves domésticas. Tiveram 16 filhos: 10 homens e 6 mulheres, conforme a seguinte relação: Thereza, nascida em 10 de

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

janeiro de 1889 e que foi casada com Oswaldo Schreiber; Oskar, nascido em 8 de julho de 1890; Olga, nascida em 23 de agosto de 1891, que fez sua primeira comunhão em 10 de abril de 1904 na "Pfarkirche" de Blumenau com o Padre Kampmann. Foi casada com Ernesto Nesti e viveu em São Paulo onde deixou filhos, netos e bisnetos; Erwin, nascido em 9 de fevereiro de 1894; Gustav, nascido em 9 de maio de 1895; Maria, nascida em 27 de setembro de 1896; Leopold, nascido em 9 de novembro de 1897; Arthur, nascido em 19 de outubro de 1899, que viveu no Rio de Janeiro, onde deixou filhos e netos; Oswald, nascido em 17 de março de 1901; Walter, nascido em 25 de dezembro de 1902; Rudolf, nascido em 2 de maio de 1904; Irma, nascida em 4 de outubro de 1905, que vive no Rio de Janeiro, onde tem filhas e netos; Martha, nascida em 23 de março de 1907; João, nascido em 4 de agosto de 1908 e recentemente falecido. Foi casado com Carolina Wilhelmina Emma Westphal, cuja cerimônia realizou-se em Blumenau aos 14 de julho de 1937; Wally, nascida em 15 de janeiro de 1910 e que casou-se em Blumenau em dezembro de 1927.

Hermann Bürger veio a falecer em Blumenau em 1912, após uma profícua vida dedicada ao trabalho e à família. Sua dedicada esposa, Maria, faleceu também em Blumenau no ano de 1935. Toda sua numerosa descendência foi orientada no sentido cristão

do trabalho e da vida familiar, tanto em Blumenau como em outras cidades do Brasil onde passaram a viver. Do tronco Bürger houve outros ramos ao qual pertenceu o Pastor Bürger e o casal Michael e Engelbert, de "West Prüssen", que casaram-se em Blumenau em 16 de janeiro de 1893. Em Pomerode, antes da década de 1920, estava estabelecido Arthur Bürger com indústria de charutos.

No vale do ribeirão Garcia, onde viveu o casal Hermann e Maria Bürger, residiu também o naturalista Dr. Fritz Müller que partiu da Alemanha em 19 de maio de 1852, do porto de Hamburgo com a esposa e a filha de um ano de idade. Chegando a Blumenau, estabeleceu-se no bairro Garcia, abrindo uma roça e construindo uma cabana com troncos de palmeiras, onde viveu por 4 anos. Mais tarde referiu-se a essa fase de sua vida como a mais feliz de sua existência.

Assim concluímos este breve relato elaborado em homenagem aos nossos ancestrais que muito deram de si para o desenvolvimento de Blumenau e do Brasil, esperando que alguém mais capacitado o amplie em extensão e profundidade com maiores conhecimentos, dados e fatos pertinentes aos bravos pioneiros e trabalhadores que fizeram de Blumenau a maravilha que ela representa no cenário nacional.

Orestes Nesti

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862:

Notícia de 2 de junho de 1866:

Blumenau — Durante a sua viagem pela Alemanha, o Dr. Hermann Blumenau fez diversas palestras em associações de amigos da Geografia, em Leipzig, assim como em Dresden, sobre o Brasil Meridional e as colônias alemãs. Essas conferências suscitaram muito interesse pelo Brasil e deram amplos esclarecimentos acerca do Brasil e a sua colonização. Pretende o Dr. Blumenau dirigir-se ao Ministério Prussiano a fim de conseguir a revogação dos dispositivos que dificultam a emigração.

Notícia de 23 de junho de 1866:

Dona Francisca — Acaba de ser contratado para a comunidade protestante pelo Conselho da Direção da Comunidade local, o Pastor Georg Hoelzel, que já esteve aqui durante vários anos e depois exerceu as suas funções como pastor e professor em São Paulo e ultimamente no Rio de Janeiro. O Pastor Georg Hoelzel já partiu do Rio de Janeiro.

Notícia de 14 de julho de 1868, referente aos Voluntários da Guerra do Paraguai:

Conforme cartas particulares, desapareceram mais três dos nossos Voluntários: Carl von Reibiniz, de Altenburg, morreu afogado a 16 de maio no rio Paraguai. Quando ia se lavar, escorregou na rampa e não mais voltou à tona, apesar das tentativas de um negro que, preso a uma corda, mergulhou várias vezes até o fundo do rio. Somente ficaram na margem os seus óculos. No dia 14 os seus companheiros viram o corpo boiando ao lado do navio. — Christian Meyer, da Suíça, foi vitimado pela febre e em fins de maio faleceu Carl Eisendecker, após três dias de enfermidade.

Notícia de 14 de julho de 1868:

Conforme informações de São Francisco, as duas farmácias há muito existentes em Joinville, vêm sofrendo contestações. Pretendia-se cancelar a licença dos proprietários das farmácias, por não estarem matriculados de acordo com a Lei de 29 de setembro de 1851. A Câmara Municipal até chegou a exigir a restituição dos alvarás pelo seu fiscal, alegando que os farmacêuticos não haviam agido de acordo com as prescrições. Em relação a este fato, encontramos entre os decretos do Presidente, datados de 9 de junho o seguinte aviso ao chefe de polícia: "Em vista do parecer que acompanhava o relato do Delegado de Polícia de São Francisco e considerando o estado de saúde da população da Cidade, a Presidência não cogita em aplicar o Decre-

to n.º 828 de 29 de setembro de 1851, ainda mais que os farmacêuticos, aos quais se refere o Delegado, não apenas são os únicos de toda a Comarca, mas também apresentam bastante habilidade devido à sua longa prática”.

Conselho Curador se reúne e presta duas homenagens

Na reunião trimestral do Conselho Curador da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, foram prestadas duas importantes homenagens: uma de nascimento e a outra, póstuma.

É que faleceu, dia 1.º do mês, o Dr. Afonso Rabe, que até então exercia a presidência do Conselho, eleito que foi desde 1982 e sempre reeleito. O falecimento do ilustre personagem e estimado cidadão, que tinha entre os demais conselheiros a estima incondicional, causou profunda consternação e sua ausência foi muito sentida e o será nas reuniões futuras deste Conselho. Sua biografia está estampada na presente edição.

A outra homenagem, esta de nascimento, foi prestada ao Conselheiro Frederico Kilian, que, no dia da reunião, ou seja, dia 8 deste mês de julho, estava registrando seus 90 anos de feliz existência. Das homenagens recebidas pelo Sr. Frederico Kilian, fez parte a entrega de uma bela placa de prata com belíssima e emotiva mensagem, e um almoço festivo no Restaurante Frohsinn.

Ainda na reunião, o diretor executivo da Fundação fez prestação de contas sobre os custos da obra recém-concluída, que é a nova casa da oficina gráfica, cujo custo atingiu a soma de Cz\$ 1.874.733,80 (um milhão, oitocentos e setenta e quatro mil, setecentos e trinta e três cruzados e oitenta centavos). A prestação de contas foi enviada a todas as empresas que auxiliaram no custeio da obra, inclusive ao Ministério da Cultura.

ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE NORTON AZAMBUJA FOI DOADO À FUNDAÇÃO “CASA DR. BLUMENAU”

Cerca de duas mil obras de generalidades, entre as melhores que se conhece na literatura universal, que pertenceram ao acervo do jornalista Norton de Azambuja, falecido no ano passado, estão sendo entregues ao acervo da Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

Trata-se de um gesto marcante, em atendimento à vontade manifestada pelo jovem intelectual, que está sendo atendido por sua progenitora, dona Hebe de Azambuja.

O colossal acervo está sendo classificado e registrado nos livros da Fundação, através do Arquivo Histórico “Prof. J. F. da Silva” e da Biblioteca “Dr. Fritz Müller” e depois de devidamente instalado em numerosas estantes, haverá de perpetuar a memória de seu doador, visto que estará em destaque perante o público que visita esta instituição. O bloco de estantes que acolherá estas obras, denominar-se-á de Acervo Bibliográfico “Norton de Azambuja”.

Cs nossos penhorados agradecimentos pelo nobre gesto de dona Hebe de Azambuja.

DR. AFONSO RABE



Blumenau perdeu, no primeiro dia deste mês, um de seus mais ilustres filhos. O Dr. Afonso Rabe.

Figura conhecidíssima, admirado e estimado no seio da comunidade, o ilustre personagem teve sua vida marcada por notáveis serviços prestados à sua cidade, a seu povo, trabalhando muito na defesa da saúde pública e participando ativamente da evolução sócio-cultural de Blumenau.

O falecimento do Dr. Afonso Rabe causou em especial a maior tristeza àqueles que desempenham atividades na Fundação "Casa Dr. Blumenau". O seu desaparecimento causou a maior consternação aqui nesta casa, porque ele representou, durante os anos em que presidiu o Conselho Curador da Fundação, a figura do paladino que sempre esteve vigilante em torno das aspirações, das necessidades, da ânsia de realizações da instituição em busca da maior

perfeição de serviços à disposição da comunidade.

Dr. Afonso Rabe, à frente do Conselho Curador, esteve sempre aliado aos planos da direção, na luta pela concretização dos objetivos. Contou, é verdade, sempre, com o respaldo unânime de seus demais companheiros conselheiros que o elegeram, a partir de 1982, para a presidência do Conselho. Enfrentou, junto com o diretor executivo desta Fundação, os mais diversos óbices para que chegássemos à realidade de hoje que é a Fundação "Casa Dr. Blumenau", em especial seu novo prédio abrigando a biblioteca e o Arquivo Histórico.

A vida pública que viveu é um espelho de belos gestos, de conduta exemplar, intelectual, honesta e, ainda, dinâmica. Ele assumiu o cargo de prefeito de Blumenau em 28 de junho de 1941. Sem ligações ou compromissos políticos-partidários, pôde dedicar-se inteiramente aos interesses municipais e realmente o fez voltando-se em especial para a solução dos problemas relacionados com a saúde pública e assistência social. Nesta atividade, revelava seus sentimentos fraternos e de constante preocupação com o bem-estar de todos, qualidades com a qual viveu e se destacou na comunidade durante toda sua vida. No seu governo, promoveu a demolição do antigo e ineficiente hospital, para construir o Hospital Santo Antônio de hoje. Concluiu, também, os trabalhos já em andamento, da construção da primeira rede de água potável, que se localiza, ainda hoje, no morro Boa Vista. Seu governo, enfim, foi promissor sob todos os aspectos.

O Dr. Afonso Rabe nasceu em 26 de maio de 1906, na localidade de Massaranduba, distrito que na época pertencia a Blumenau. Fez seus primeiros estudos no Colégio Santo Antônio e no Grupo Escolar "Luiz Delfino". Coursou o Ginásio Catarinense em Florianópolis, de 1919 a 1923, diplomando-se assim no curso secundário, que lhe abriu as portas para o vestibular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual ingressou em 1924, concluindo com méritos incontestáveis o curso de medicina no ano de 1929, quando ainda obteve o título de Doutor em Medicina, ao defender tese.

No ano de 1930, o Dr. Rabe viajou como Inspetor Sanitário Marítimo do Loide Brasileiro, na linha Brasil-Europa. Um ano após, ou seja, em 1931, estabeleceu-se em Blumenau exercendo a clínica geral. Três anos após, a convite, assumiu a direção do antigo Hospital Municipal. Durante o mesmo período ainda exerceu as funções de Delegado de Higiene do Estado, no Município de Blumenau.

Foi em junho de 1941, que o Dr. Rabe foi conduzido ao cargo de prefeito do município, por ato do então Interventor Dr. Nereu Ramos. Exerceu as funções de prefeito até 1944 quando, em janeiro pediu e obteve exoneração, depois de cumprir as metas por ele traçadas principalmente no campo da saúde pública. Ainda pelo Governo do Estado, foi, em seguida à sua exoneração da prefeitura, nomeado médico do Departamento de Saúde Pública do Estado e comissionado para fazer o curso de médico-sanitarista na Escola de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, concluindo aque-

le curso em dezembro do mesmo ano de 1944. No ano seguinte, em maio, quando foi inaugurado o Centro de Saúde de Blumenau, o Dr. Afonso Rabe assumiu a chefia do mesmo a convite do Governador do Estado. Dois anos após, ou seja, em 1947, fez um curso intensivo teórico-prático no Departamento de Combate à Tuberculose do Estado do Paraná, em Curitiba, para exercer cumulativamente — sem ônus para o Estado — esta tarefa, na falta de médico tisiologista no município.

Tendo recebido convite, Dr. Rabe iniciou-se no magistério, lecionando, nas horas de que dispunha de suas intensivas atividades, a matéria de Higiene e Educação Sanitária, na Escola Normal D. Pedro II, tendo mais tarde feito concurso, em 1949, efetivando-se naquela cadeira de ensino, quando também pediu dispensa da chefia do serviço de saúde para dedicar-se com mais afinco na especialidade de tisiologista.

Na medicina, como vemos, o Dr. Afonso Rabe cumpriu admirável vocação, fazendo da profissão um verdadeiro sacerdócio. Humano, modesto, comunicativo, jamais deixou de dar acesso à sua admirável figura, daqueles que o procuravam para buscar solução para seus males. Aposentado em março de 1960 nas funções de médico tisiologista do Departamento de Saúde do Estado, o Dr. Afonso Rabe inclinou-se para uma outra admirável vocação; as letras. E, assim, em 1968, quando exercia atividades médicas particulares, ele escreveu o livro de elevado valor didático "Noções de Higiene, Educação Sanitária e Puericultura", cuja obra foi editada pelo "Plano Nacional de Educação", em convênio com a Secreta-

ria de Educação e Cultura do Estado. O livro passou a fazer parte obrigatória no ensino secundário das escolas estaduais disseminadas por todo o Estado, obra orientadora nos assuntos. Neste ano, também devido a complicações visuais conseqüentes do exercício da especialidade fisiológica, encerrou também suas atividades médicas particulares. Mas não parou ali com suas atividades em favor da comunidade. Viveu sempre em contato com a sociedade, exercendo funções culturais, produzindo numerosos trabalhos de elevada expressão poética e em prosa, pensamentos filosóficos, etc., alguns dos quais já foram publicados nesta revista.

Em 1982, foi nomeado, juntamente com outros dez cidadãos, para formar o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", em cuja primeira reunião foi eleito por unanimidade seu presidente. Viveu então uma das mais belas fases de sua vida de aposentado, atuando com dinamismo e entusiástica vibração pelas causas em favor da instituição. Não bem as novas diretrizes da Fundação estavam traçadas, eis que as enchentes de 1983/84 derubaram por terra sonhos e projetos que já estavam elaborados para construções mais modernas e condizentes com o prestígio da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", Arquivo Histórico e Museu da Família Colonial, todos pertencentes à Fundação "Casa Dr. Blumenau". Todos ficaram estarrecidos com as perdas sofridas. E o presidente do Conselho, muito mais. No entanto, unindo-se aos esforços da administração da instituição,

contando com o respaldo dos demais conselheiros, Dr. Afonso Rabe rejuvenesceu pelo entusiasmo com que abraçou a causa e, como resultado, viu transformar-se em realidade, em abril de 1986 o sonho de uma luta incessante da direção, que contou com o seu irrestrito apoio e incentivo desde o início. A realidade tornou-se palpável com a inauguração da obra e os registros que nela ficaram.

No ano de 1933, o Dr. Afonso Rabe encontrou aquela que seria sua companheira nos bons e nos difíceis momentos durante toda a vida que viveria. Casou-se com D. Aida Schmalz. Este consórcio também foi o mais belo exemplo de virtudes, respeito e, acima de tudo, amor.

Com tão preciosa folha de serviços prestados a Blumenau e a Santa Catarina, e o exemplo de esposo e pai extremoso, deixado para a posteridade, o Dr. Afonso Rabe despediu-se de seus milhares de amigos e admiradores, transferindo-se para o oriente eterno, com o seu falecimento ocorrido no dia 1.º de julho corrente, com a idade de 82 anos, um mês e 25 dias.

Seu nome, ligado a tantas e numerosas obras em favor da comunidade, tem destaque nos registros perenes que se encontram na Fundação "Casa Dr. Blumenau", no quadro de bronze afixado por ocasião da inauguração do novo prédio que hoje aí está. Seu sepultamento deu-se no dia 2 de julho, no cemitério evangélico, com a presença de representantes de todos os segmentos da sociedade blumenauense.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

"Ao Enéas Athanázio,
grande contista e ensaísta,
que a cada livro editado
novos leitores conquista,
pois melhora cada vez,
com o abraço ofereço,
os abecês do Paulo Nunes Batista."
(De uma dedicatória do poeta PAULO NUNES BATISTA).

LANÇAMENTOS RECENTES

Entre os lançamentos mais recentes, de autores catarinenses, merecem destaque os livros "Verso e Reverso", de autoria do consagrado poeta blumenauense MARTINHO BRUNING, em edição do autor, reunindo poemas sintéticos e preciosos, como costumam ser suas produções no gênero; "TE LEVANTA E VOA", novela de URDA A. KLUEGER, edição da Lunardelli, em cujas páginas a autora deixa de trilhar os caminhos de seus romances históricos do Vale do Itajaí para enveredar pelas pesquisas e análises intimistas dos personagens, onde a paisagem humana sobreleva a paisagem geográfica tão presente em seus livros anteriores; "Girata de Espantos", de autoria do poeta Harry Wiese, em edição da Fundação "Casa Dr. Blumenau", reunindo trabalhos em outro gênero, — o conto —, no qual faz sua primeira incursão, em contos recheados de acontecimentos da vida nas pequenas cidades, com seus dramas e comédias, que o autor captou com muita sensibilidade; "Aplicação da Pena", de autoria do Professor Nelson Ferraz, titular de Direito Penal na UFSC, onde ele aborda com a costumeira minúcia os aspectos relativos à dosagem e definição das penalidades no Código Penal de 1984, enfrentando todas as questões suscitadas pela difícil matéria, e, finalmente, a sanfona "Seis Fantásias na Madrugada", de autoria da poeta joinvilense MILA RAMOS, numa publicação de Edições IPÊ, da mesma cidade, contendo alguns de seus mais recentes poemas.

— . — . — . — . — . — . —

CINCO LIVROS

Cinco livros recentes, dois deles escritos no Exterior, fazem referência à minha obra. São eles a volumosa tese "De Jeca a Macunaí-

ma", de Vasda Bonafini Landers (Civilização Brasileira — Rio — 1988), com a qual a autora conquistou o doutorado em Literatura Brasileira e Hispano Americana pela New York University; "Pulcrolândia", volume de poemas do poeta clássico João da Silva (Sívio), publicado em Funchal, na Ilha da Madeira, transcrevendo pequena apreciação crítica de minha autoria; "Tempo de Deserto", do poeta paulista Cláudio Feldman, "Casa Verde", do escritor paranaense Noel Nascimento e "O Velho do Leblon", no último volume publicado dos diários de Ascendino Leite (Editora Cátedra — Rio), todos com transcrições ou referências. Este último me cataloga entre seus amigos, o que já é uma conquista, feita através da letra escrita.

ATOS E FATOS

Estão circulando dois novos números de "A Ilha", Suplemento Literário editado por Luiz Carlos Amorim, inicialmente em São Francisco do Sul e hoje em Joinville. Esses números agora editados marcam a entrada do conhecido suplemento em seu 9.º ano de existência, o que se deve ao abnegação esforço do grupo liderado por Amorim, cuja dedicação às letras não esmorece. A pequena revista tem prestado grande serviço na divulgação de novos autores catarinenses e de outros, já conhecidos, que costumam freqüentar suas páginas.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) está publicando mais um número de sua "Revista", contendo assuntos de sua área de especialização, subscritos por estudiosos da História e da Geografia, bem como lançou o 1.º número de seu "Boletim", dando conta de suas atividades específicas e de outros eventos na área cultural. O mesmo IHGSC promoveu sessão comemorativa do centenário da Abolição da Escravatura, com palestra do Professor VICTOR ANTONIO PELUSO JUNIOR, seu Presidente, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.

Circula também mais um número da Folha Literária "ÁRCADI", órgão do Curso de Letras da FUNORTE, da cidade de Mafra, que tem como Coordenador o Professor Divinamir de Oliveira Pinto e conta com a colaboração de mestres e alunos daquele educandário e de outras pessoas do Estado.

A Galeria Municipal de Arte da cidade de Rio do Sul promoveu exposição de desenhos e pinturas de HUMBERTO J. TOMASINI, sob o título de "Em torno da coluna"; a Galeria Açú-Açú, em evento conjunto, promoveu o lançamento do livro "Na Grande Noite dos Girassóis", da mencionada poeta Mila Ramos e as exposições de Asta dos Reis (Pinturas) e Leđa Campos (Esculturas e objetos); O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) promoveu o Ciclo de Maio de 1988 com trabalhos de Domingos Fossari, Aldo Nunes, Romantismo Alemão, Abstração Geométrica e o Acervo do próprio Museu, num evento eclético, para todos os gostos; o Bela Vista Country Club promoveu o lançamento do livro "História de Eva, do Princípio ao Fim", e a mos-

tra de pintura "Aquário, Era do Amor", ambos de autoria de Paloma, pseudônimo de Rosa Lizana Hernández, chilena-blumenauense radcada nesta cidade.

— . — . — . — . — . — . —

ARICY CURVELLO (Rio de Janeiro), RIBEIRO RAMOS (Fortaleza) e IAPONAN SOARES (Florianópolis), manifestaram-se, em artigos de crítica, sobre o livro "Tempo Frio", além daquelas manifestações já publicadas nesta Revista e em outros órgãos de imprensa.

FIGURA DO PRESENTE COM MUITA HISTÓRIA DO PASSADO

JAIME DE OLIVEIRA COELHO

Nos dias de hoje, ainda é muito comum encontrar-se, percorrendo as ruas da cidade, um homem de idade avançada, mas até bem jovem na aparência, ao qual se poderá dizer ser um homem idoso, mas não velho.

Trata-se de Jaime de Oliveira Coelho, um dos profissionais gráficos mais antigos que ainda luta pelo bem-estar de sua classe e que desenvolve variadas atividades para o seu sustento, uma delas, a de fazer assinaturas de jornais, cobranças, etc.

Jaime de Oliveira Coelho, o "Divino Mestre", como é conhecido entre os seus inúmeros amigos e admiradores, adquiriu esta identidade, por ser um dos maiores estudiosos das Escrituras Sagradas, conhecendo seus principais capítulos e versículos, principalmente do Novo Testamento e os cita com freqüência, pelos exemplos que as Escrituras colocam à disposição do homem para corrigir seus erros ou não cair nos mesmos.

Jaime tem uma bela história em sua vida. Esta é a razão pela qual, hoje, procuramos perpetuá-la nas páginas deste órgão de cultura histórica.

Esta figura simpática, modesta mas muito inteligente, nasceu em Florianópolis, no dia 8 de janeiro de 1902. Viveu na capital do Estado até os 16 anos, período em que aprendeu a profissão de gráfico, trabalhando nas oficinas do jornal da época, "A República". Diz Jaime Coelho que naquele tempo era governador do Estado o General Felipe Schmidt.

De Florianópolis, Jaime se transferiu, aos 16 anos, para Laguna, aonde foi tentar a sorte na sua profissão. Lá permaneceu durante um ano, retornando a Florianópolis, para ocupar funções de tipógrafo no jornal "O Estado", que tinha por diretor o jornalista Augusto Lopes, mais tarde substituído pelo Prof. Altino Flores. Aos 22 anos, partiu de Florianópolis com destino ao Rio Grande do Sul. Lá chegando, apresentou-se como voluntário para servir no Batalhão Ferro-

viário, cuja unidade era então comandada pelo oficial Luis Carlos Prestes e estava aquartelada na cidade de Santo Ângelo. O comandante Luis Carlos Prestes tinha como auxiliares comandantes de colunas, Manoel Costa, Cel. Juarez Távora, que era o sub-chefe do Batalhão, o major Paulo Krueger, o capitão Ítalo Landwei e o capitão Alberto Costa. O comandante do Estado Maior da unidade era o Cel. Cordeiro de Farias e tinha ainda no mesmo Estado Maior, o Cel. João Alberto Siqueira Campos e o Cel. Djalma Dutra, os quais também eram os comandantes dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º Destacamentos.

Conta Jaime de Oliveira Coelho, que os primeiros meses como soldado daquela guarnição considerada de elite, teve muito trabalho e muito que aprender de disciplina militar e ação de guerra.

Tendo então sido deflagrada a revolução liderada pelo contingente comandado por Luis Carlos Prestes e ao qual ele pertencia, Jaime ficou incorporado, já como cabo, àquele movimento, partindo de Santo Ângelo. Nas regiões em que a coluna ia atravessando, Prestes era denominado de Cavaleiro da Esperança e foram as seguintes, as conquistas alcançadas pela já então denominada "Coluna Prestes: Saída de Santo Ângelo, dia 29 de outubro de 1924, em direção a Tupanciretã, aonde travou-se o primeiro combate. Dali seguiu a coluna para Uruguaiana, aonde registrou-se o segundo combate. Depois regressou em direção a Santa Catarina, passando por Barracão e atingindo Clevelândia, cidade em que registrou-se o terceiro combate da coluna contra a resistência encontrada. Entrando no Paraná, chegou a Cataduva, local em que registrou-se outro violento combate. Dali, após a conquista da cidade, seguiu a coluna para a localidade de Formigas, aonde encontrou grande resistência, travando-se violento combate. De Formigas a coluna seguiu na direção de Ponta Porã, em cuja região registraram-se três importantes e sangrentos combates. A Coluna Prestes percorreu, ainda, os Estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Maranhão. O cabo Jaime de Oliveira Coelho, que enfrentou toda a odisséia ao lado de seus companheiros e a oficialidade, diz que a coluna percorreu, em toda a sua ação, cerca de dois mil e quinhentos quilômetros, incluindo-se no roteiro a travessia sobre os territórios da Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai, quando então os integrantes da coluna dispersaram-se, terminando a ação.

A marcha da Coluna Prestes terminou no dia 7 de fevereiro de 1937, ao chegar à Bolívia o contingente de 620 sobreviventes, além de outros 65 que seguiram para o Paraguai junto com Siqueira Campos.

Jaime de Oliveira Coelho, depois de ser desligado do exército, como integrante da Coluna Prestes, retornou a Santa Catarina em 1937, fixando-se novamente em Florianópolis, aonde fez um curso de bombeiro hidráulico (encanador) com o Sr. Álvaro Ventura, em cuja atividade trabalhou durante 18 meses. Naquela época, no mês de agosto de 1938, Jaime casou-se com a jovem Maria Xavier, e ele contava,

então com 36 anos de idade. Cinco anos após, ou seja, em 3 de janeiro de 1943, mudou-se para Blumenau, aonde assumiu o cargo de feitor da COBEC, empresa encarregada da implantação do ramal da Estrada de Ferro Santa Catarina Blumenau-Itajai.

No dia 1.º de abril de 1946, Jaime deixou as funções na COBEC para assumir cargo de gráfico no jornal "A Cidade", que era redatoriado por Afonso Balsini. Dois anos após, ou seja, dia 13 de maio de 1948, Jaime deixou aquele jornal para assumir as funções de paginador nas oficinas do jornal "A Nação", em cujas atividades aposentou-se. Todavia, continuou ligado àquele jornal, na qualidade de corretor de anúncios e assinaturas, cuja atividade desempenhou até quando o jornal encerrou suas edições. Em sua atividade social dentro da profissão, Jaime foi fundador do Sindicato dos Gráficos de Blumenau, da Federação dos Gráficos de Santa Catarina e fez parte, como tesoureiro, da citada federação catarinense. Foi fundador também do Clube Recreativo Limoeiro, de Saco dos Limões, Florianópolis, do qual foi seu primeiro presidente. Ainda hoje, Jaime é membro efetivo do Conselho Fiscal da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro.

Jaime nunca se desligou totalmente de suas atividades em busca de seu sustento, já que ainda nos dias de hoje, vende anúncios, como autônomo, para o Jornal de Santa Catarina.

Diz Jaime que uma de suas grandes emoções, já tendo ultrapassado os oitenta anos de idade, foi a que teve quando reencontrou, após tantos anos, o seu antigo comandante e o grade líder que para ele foi Luis Carlos Prestes, quando este visitou Blumenau em outubro de 1987, tendo proferido uma conferência na FURB. Foi muita a sua alegria de poder, então, abraçar o velho comandante, o "Cavaleiro da Esperança" que para ele continua sendo o mesmo de tantos anos passados, a lutar, nos dias de hoje, pelos mesmos ideais de jovem.

Jaime de Oliveira Coelho, viúvo, hoje cercado do carinho e estima de seus sete filhos, 19 netos e onze bisnetos, continua vendo a vida como ela lhe sempre foi: boa para viver, para fazer o bem, para pregar as virtudes que devem ornamentar a alma dos que querem fazer o bem. Está de consciência tranqüila pelo dever cumprido para com a pátria e a sociedade e vê passar seus dias com tranqüilidade, porque, nos seus 86 anos de idade, ainda sente no pulsar de seu coração, o desejo de que possa viver o suficiente para ver totalmente restabelecida a democracia brasileira e o país em nova ascensão social e econômica para a felicidade de todos.

José Gonçalves

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil Blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Dezoito meses na América do Sul e suas colônias alemãs

II Parte

(do livro de Friedrich Gerstäcker — volume 3, primeira parte das páginas 336 a 367 da obra, impressa em Leipzig por Hermann Costenoble, em 1863)

A Ilha de Santa Catarina e as colônias alemãs vizinhas

A ilha de Santa Catarina está realmente localizada num lugar muito bonito e sempre admiramos a vegetação tropical tão abundante aqui como as muitas pequenas ilhas que apareciam ao longe, no mar.

Santa Catarina foi, estranhamente, sempre o objetivo de minha visita desde a minha mocidade, entre todas as viagens que já fizera sem, no entanto, ter alcançado meu objetivo. Há muitos anos passados, certa vez eu li um livro velho, o nome do autor esqueci, uma brilhante descrição desta ilha e que a mesma estaria coberta por palmeiras — e justamente essa palmeira era para mim o grande ímã porque ela representava o cenário exato dos trópicos.

Só em anos futuros, quando já viajara bastante pelo mundo, eu realizaria meu sonho e conclui que a ilha de Santa Catarina, apesar de ter um clima quente, não ficava exatamente na área tropical e não era portanto a terra ideal dos coqueiros. Mas isto não importava para mim. Santa Catarina há muito tempo já fazia parte do meu programa. E agora que ela estava à minha frente, parecia que eu vivia um conto de fadas.

A ilha tem ainda uma excelente localização geográfica e um porto bastante amplo, onde podem ancorar navios e veleiros de porte médio. Já agora ele repre-

senta o ponto central para a exportação dos diversos produtos das colônias.

Aqui encontrei vários alemães que são muito bem vistos e respeitados como por exemplo, comerciantes, médicos e artesãos. Os últimos vieram das colônias vizinhas; gostaram da ilha e acabaram ficando, e outros regressaram para suas colônias.

Também um pintor alemão vivia aqui. Um jovem que deixara seu atelier em Dresden, para, no Brasil, fazer estudos naturalistas, e melhor lugar não poderia ter encontrado.

As informações que procurei sobre como chegar às colônias de Blumenau e Dona Francisca, foram desoladoras. Existia uma comunicação marítima entre a ilha e São Francisco, que funcionava quase que normalmente. Mas que eu me cuidasse do tráfego marítimo brasileiro que parece se ter comprometido de não cumprir de forma alguma esse serviço.

Contra o vento, essas embarcações fracas não podem seguir e a favor do vento, põem em risco sua segurança. Assim, estão sempre atrasados por semanas e apesar de que devam chegar ao porto mensalmente seis navios, tanto do norte como do sul, afirmam os moradores que já houve época em que por 28 dias seguidos não chegou nenhum.

Se eu esperasse realmente por um navio, poderia ficar aqui talvez ainda por mais 14 dias ou mesmo 4 semanas. Assim eu estava indeciso e incerto de que conseguiria dentro de 1 mês um navio de regresso e eu teria que prolongar minha visita a estas colônias pelo menos por dois meses. Ainda havia a possibilidade de conseguir um veleiro, mas estes ainda eram mais incertos porque os brasileiros não são bons marítimos. O que é perda de tempo, os sulamericanos não sabem.

Mais dois meses longe de casa, não podia familiarizar-me com esta idéia. Restava uma alternativa: fazer a viagem por terra, mas para isto precisava de mais dinheiro e o meu estava acabando.

Depois de analisar bem a minha situação resolvi ficar aqui na ilha e obter mais informações com os representantes das colônias que aqui se encontravam. No galpão dos imigrantes encontravam-se justamente agora um grande número destes e para lá me dirigi.

As três principais colônias na vizinhança eram de Blumenau, Dona Francisca e Brusque — a última, assim chamada, em homenagem a um antigo presidente.

Estranhamente idênticas eram as opiniões e todas as informações que consideravam a Colônia de Blumenau como a mais favorecida e a mesma era aconselhada para aqueles imigrantes que tinham livre escolha.

A colônia está situada junto ao rio Itajaí e os colonos podem transportar com facilidade seus produtos rio abaixo. Pequenas embarcações podem até seguir rio acima e embarcar os produtos no próprio local.

A colônia antigamente pertencia ao Dr. Blumenau particular-

mente. Mas há pouco tempo entregou-a ao Governo Imperial e é atualmente apenas o diretor da mesma, nomeado pelo próprio governo. No entanto, administrava-a com muita ordem e os colonos ali estabelecidos estavam bem.

Parece que a Colônia de Blumenau é a que menos colonos a haviam abandonado.

No entanto, nada de bom ouvi falar sobre a Colônia Dona Francisca que sempre fora pintada com cores vivas pelos agentes de Hamburgo. A comunicação com o interior, tanto como com o mar ali são bem mais fáceis do que em Blumenau, mas a terra é pobre e muitas vezes não compensa o árduo trabalho na lavoura. Esta colônia foi fundada pelo Príncipe de Joinville, muito protegida pelo governo e foi gasto muito dinheiro com a mesma.

A situação desta colônia é favorecida, e na escolha do lugar, foi dada muita atenção. Bons meios de comunicação são necessários a uma colônia, mas não devem ser considerados como única vantagem. Estas boas comunicações perdem todo seu valor se o solo não presta a um bom cultivo de um produto e a colônia praticamente nada produz.

Melhor caracteriza este aspecto existente entre Blumenau e Dona Francisca. A primeira exporta seus produtos e a última precisa importar tanto o feijão como a farinha de mandioca.

Para o imigrante é fácil estabelecer-se em Dona Francisca, mas durante a minha permanência em Santa Catarina foi-me desaconselhado fixar-me nesta colônia e dar preferência a Blumenau. Assim, somente bem poucos foram para lá. Em verdade só aqueles que já haviam assinado um

contrato anteriormente.

Porém, tanto quanto ouvi dizer, os aiemães residentes em ambas as colônias vivem bem, alegres e harmoniosos. Se isto corresponde à realidade não sei dizer, mas dizem que em Dona Francisca o viver se assemelha mais a uma "miséria brilhante" e muitos dos colonos ali residentes pertencem a uma classe social culta, mas que estavam endividados! Espero que este não seja o caso e só o menciono aqui porque me foi transmitido por pessoas que conhecem bem as condições de vida em Dona Francisca.

Um pouco mais acima de Blumenau encontra-se a Colônia Brusque, um pouco mais nova, mas também tem terra muito boa e é capaz de aproveitar bem seus produtos. No entanto, os lotes ali foram divididos com muita habilidade em quadrados e sem respeitar as elevações, morros e riachos. Assim, pode acontecer que um colono encontre seu lote localizado no alto de uma colina não encontrando água, enquanto que outro encontra dois a três riachos em suas terras. Agora porém, já não estão mais fazendo esta modalidade de medição, pois reconheceram a sua desvantagem.

Além de tudo, chegaram queixas e mais queixas contra o diretor de lá, um barão alemão* que, se tudo for verdade o que disseram dele, praticou muitas injustiças e favorecimentos entre um e outro colono. As queixas foram encaminhadas ao governo e serão analisadas para que a colônia não continue sendo prejudicada.

Além disto, no Brasil "governa-se" demais e já encontrei em muitos lugares, que justamente os alemães, logo que alcançam uma

certa posição e força na mão, são os que mais tiranizam. Devo frisar que tiveram na pátria de origem boa escola, e por isso tal comportamento causa uma triste impressão

Também o Presidente de Santa Catarina — um reconhecido bom homem que na época estava muito doente, deixava sua esposa governar, no tempo que eu lá me encontrava. Para escândalo de todos os de boa índole, ela empregou um conhecido malandro com elevado ordenado, tentando tirar de seu posto um homem correto que, no entanto, não a adulava. Este é um caso não raro e acontece também em outros lugares.

Em Brusque acontecia que a diretoria pediu um certo número de soldados para a proteção da colônia contra os ataques dos índios.

Estranhamente estes soldados brasileiros estavam acampados — aos quais pertenciam os piores vagabundos do país — não na fronteira da colônia como era de se esperar, mas sim, às margens do rio, nas imediações da diretoria. Os índios assim teriam que atravessar toda a cidade para chegar junto deles e também eram só usados contra os colonos com os quais aconteceram algumas cenas bem desagradáveis.

O diretor tem também sob sua ordem, o posto de delegado ou sub-delegação de polícia, e as conseqüências desagradáveis que isto traz para uma colônia já tem sido comprovadas em outros locais no Brasil.

É, porém, preciso reconhecer que o diretor de uma colônia, quando quer fazer seu trabalho corretamente, tem um cargo bem difícil. Aborrecimentos e trabalho

* Barão von Schaeneburg.

têm muito e às vezes ainda aparece mais do que pode atender

Eu pessoalmente, não vejo necessidade de haver um diretor de colônia. Mas devo reconhecer que todos os diretores são de outra opinião. A colônia alemã peruana não tem diretor, mas sim, um prefeito eleito e as pessoas vivem em paz e felizes — mais do que se pode dizer de uma colônia brasileira dirigida. Enfim, vale a tentativa de instalar uma colônia sem diretor e se tiver pelo menos só um relativo sucesso, economizaria ao governo muito dinheiro e dor de cabeça, como também funcionários.

Também não quero negar que algumas colônias, justamente as dirigidas por diretores, fizeram muita coisa boa, isto é, quando o “homem certo foi colocado no lugar certo”. Estes exemplos são raros e não devem servir como base

Das colônias localizadas mais ao norte, sei pouco ou quase nada. Na opinião daqueles que as conheciam, até o Rio de Janeiro, na zona quente, os alemães podiam muito bem sobreviver. Dona Isabel por exemplo, em São Paulo, é considerada por muitos alemães como Colônia Modelo, porque ali o diretor também dedicou-se muito a ela.

Mas apesar de tudo, eu não aconselharia nenhum imigrante a se estabelecer ao Norte do Brasil. Lá não é o local certo para o colono, porque não pode concorrer com o trabalho escravo. E não é mais considerado pelo brasileiro, convencido de que o trabalho é uma vergonha e deve ser feito por negros. Se cair nas mãos de um destes fazendeiros, terá que pagar este erro com muitos anos de trabalho pesado.

Não podemos prevenir suficientemente os nossos conterrâneos alemães. Não assinem nenhum contrato na Alemanha cujas consequências vocês não podem avaliar e entender, sejam eles promissores como forem. Tudo ainda depende se estão tratando com agentes realmente honestos — o que sempre é duvidoso. Em todo caso, é uma raridade. Se ele os quer enganar, o mais insignificante parágrafo lhe dará esta oportunidade e o coitado do alemão, desconhecendo totalmente o idioma, estará na terra estranha, completamente perdido e traído e nunca lhe será possível apelar para a lei em sua proteção.

Os agentes lá em casa trabalham por esta razão, sempre a favor destes fazendeiros, pois ambos têm apenas um único interesse, e o “bobo do colono” é depenado primeiro a favor de um e depois atirado nas mãos do outro.

“Bobo do colono” é, em verdade, uma denominação não muito acertada, porque, em geral, nosso colono não é tão bobo e atinge até um certo grau de esperteza que com instinto certo leva-o para o lugar onde percebe uma vantagem. Só no que se refere à imigração parece, às vezes, totalmente atoleirado e a natural desconfiança diante daquele que se veste mais ou menos bem, leva-o diretamente às mãos dos agentes e fornece a estes todas as armas contra ele.

Não vá para lá ou para acolá, todos exclamam que têm propósitos honestos. “Por que não?” pergunta — quando interrogado o agente que deve entender do assunto, pois é este que tem grandes navios diante da porta e fala sobre a América como se estivesse nascido lá e só veio de visita à

Europa. — Por quê? Este responde: porque querem que vocês fiquem aqui, pois precisam de suas taxas, seu suor e trabalho e não lhes desejam a sorte na América.

Os governos mesmo publicam isto nos jornais, para que sejam tão tolos de acreditar e depois aqui vocês têm seguros.

Tão incrível como soa, ao colono isto fazia sentido. O governo tinha um interesse que ele permanecesse, o agente tinha razão quando dizia: "Qual a vantagem que eu teria se lhes dissesse lá além-mar é bom, se não fosse de verdade? Eu não perco nem ganho nada se vocês vão para aqui ou acolá" — esta é uma pessoa honesta, pois é desinteressado e para onde ele o mandar vá tranquilo, mesmo que seja um contrato de parceria para o Brasil. Nós podemos cansar os dedos em escrever e mesmo que fique um certo consolo em poder dizer: "fizeste tua obrigação", porém mais; — o que é tolo deve apanhar. Mesmo assim sentimos quando vemos tantos conterrâneos caírem nas mais variadas armadilhas e de ver sofrer tantas vezes o não culpado com o culpado. Que culpa tem as pobres mulheres que, muitas vezes, desta forma são levadas a uma verdadeira escravatura?

Em Santa Catarina também falei com inúmeros alemães que foram salvos de seus contratos de parceria pelo H. von Mütsebach e agora eram transferidos para colônias do governo escolhidas por eles. A descrição que me forneceram de quase 10 anos de prisão — não posso chamar isto de outra maneira, fora bem triste e a melhor prova para o acima narrado, sua aparência triste e miserável.

Em Santa Cruz encontrei colonos que, quase nem ou somente encontram-se no país há 10 anos, não trabalharam menos árduo do que seus compatriotas que caíram na cilada de tais contratos. E como estavam bem instalados em sua própria terra, boas casas, com grandes faixas de terras prontas para a lavoura, cabeças de gado, cavalos e além disto uma família saudável. Que triste quadro eram os outros, magros, doentes, sem dinheiro economizado em todos estes anos para pagar sua própria passagem para uma outra localidade, mesmo sem um níquel até para um pão.

Era a ilustração mais viva dos contratos de parceria que pude encontrar no mundo e nunca esquecerei a resignação com que a pobre mulher falou: — Bem, nos longos anos no Brasil aprendemos alguma coisa e agora talvez possamos ganhar tanto dinheiro para pelo menos viver.

Estas pessoas foram igualmente indicadas pelos alemães ali residentes, para Blumenau, para onde deveriam seguir com o próximo navio. O governo lhes dará terra e talvez ali tenham uma vida melhor do que nos românticos cafezais, onde por dez anos trabalharam praticamente como escravos e apenas vegetando.

Santa Catarina mesmo, tem uma cultura cafeeira bastante grande e grãos de tamanho considerável, é considerado o melhor cafezal de todos os distritos.

Antigamente acontecia aqui também uma elevada exportação de madeira, mas, felizmente, o governo que costuma fazer as mais variadas experiências, impôs uma taxa tão elevada sobre a mesma que nem pode mais ser exportada. Alguns comerciantes têm o

depósito estocado com boa madeira, mas preferem deixá-la apodrecer, pois com a exportação somente perderiam dinheiro.

A natural conseqüência é que agora a ilha toda não tem nenhum ganho e justamente durante minha permanência ali, a situação financeira do governo tinha chegado ao ponto que nem mesmo os funcionários podiam ser pagos.

Santa Catarina também é conhecida no Brasil por uma outra indústria e alcançou relativa fama, isto é, a confecção de flores artificiais, que são confeccionadas com muito gosto. Estas flores são feitas do mais variado material, principalmente de escamas de peixe e penas. Com esta indústria concorre também Rio de Janeiro e Bahia, e é usado até cepi-

lho. As pessoas conseguiram tal destreza na fabricação, que é maravilhoso. O preço igualmente é muito bom, porque o ordenado para as mulheres é especialmente baixo. Em verdade, vive-se em Santa Catarina em condições mais baratas em todo o Brasil bem como o clima saudável é procurado por muitos doentes de outros Estados e distritos.

Somente coqueiros não devem esperar encontrar. Em toda a ilha não encontra-se nenhum coqueiro e somente a palmeira real se vê plantada nos jardins.

Mais uma vez repito, a paisagem da ilha é maravilhosa e nunca me lembro de um pôr-do-sol tão admirável como ali. Como é belo este mundo que me foi permitido conhecer!"

(Tradução de Edith S. Eimer)

FREDERICO KILIAN

No dia 8 deste mês de julho, comemorou seus noventa anos de existência o jornalista e historiador Frederico Kilian.

Personalidade que sempre alcançou destaque na comunidade blumenauense pelos seus dotes de inteligência e dedicação às boas causas, Frederico Kilian foi alvo das mais justas homenagens, recebidas por ele com alegria e emoção, fruto de uma consciência tranqüila e feliz pelo dever de cidadão cumprido na sua vasta trajetória de vida. Além de homenageado pelo Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", ao qual pertence, com a entrega de uma placa de prata e um almoço no restaurante Frohsinn, Frederico Kilian viu-se cercado de centenas de amigos que possui em Blumenau, que, às 20 horas do dia 8, compareceram à igreja evangélica de confissão luterana do centro, para associar-se ao culto que em ação de graças foi realizado, após o que, o aniversariante recebeu os seus amigos presentes, no salão paroquial, oferecendo-lhes um coquetel festivo, ocasião em que recebeu os abraços e as mais inequívocas e entusiásticas manifestações de apreço e carinho.

Durante o culto realizado, além de outras homenagens, o Sr. Haroldo Bachmann, em nome da Comunidade Evangélica, assim pronunciou-se:

"Prezado Homenageado Senhor FREDERICO KILIAN:

**"Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei,
e observa-la-ei de todo o meu coração".**

Salmo 119:34.

Desde a sua fundação, a Comunidade Evangélica de Blumenau está estruturada, como órgãos de administração e direção, primitivamente denominado Conselho Comunal. Após a aprovação dos novos estatutos, em 1888, foi extinto o cargo de presidente e de secretário do Conselho Deliberativo, passando suas funções a serem exercidas pelo Presidente e Secretário da Comunidade. Em 1948 foi restabelecido novamente os cargos de Presidente e de Secretário do Conselho Deliberativo. Em 1950, Frederico Kilian foi eleito Presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Evangélica de Blumenau, sendo reeleito e permanecendo no cargo por 16 anos consecutivos.

A Comunidade Evangélica de Blumenau ressentia-se de um educandário, até para colocar em prática a finalidade e princípios defendidos por Martin Luther. Em 04 de março de 1953 foi inaugurada a Escola Primária "Barão do Rio Branco", uma continuação lógica da obra iniciada com a criação e funcionamento do Jardim de Infância "2 de Setembro", mantido pela Comunidade Evangélica. Vale frisar que o nome "Barão do Rio Branco" foi sugestão de Frederico Kilian.

Seriam necessárias várias folhas para enumerar as obras da Comunidade Evangélica que influíram decisivamente no desenvolvimento da região e muito mais para detalhar os serviços prestados por Frederico Kilian, a começar pela atividade como Professor, como Escrivão de Paz, como Secretário da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, como Historiador, Funcionário Público e como Presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Evangélica. A história do Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau foi compilada e escrita pelo homenageado. Na Chefia de Gabinete do então Prefeito Hercílio Deeke atendia a todos com esmero e trabalhava com dedicação."

Frederico Kilian formou, em torno de sua pessoa, o círculo só de amigos, pois sempre procurou ser útil a todos e muito fez por seu povo, em todas as funções que exerceu na vida pública, no jornalismo e nas pesquisas históricas.

Aconteceu...

Junho de 1988

— DIA 1.º — Distribuição de milhares de mudas de árvores a estudantes de 1.º grau da Rede Municipal de Ensino, palestras e debates sobre meio ambiente e a inauguração de um novo modelo de Estação de Tratamento de Águas Industriais, compuzeram o vasto programa para desenvolver, em Blumenau a Semana do Meio Ambiente, neste dia iniciada.

— DIA 7 — Em rápida solenidade, o prefeito Dalto dos Reis presidiu a inauguração do sistema de tratamento de águas de Malhasof, ao encerramento da Semana do Meio Ambiente.

— DIA 7 — O Instituto Cultural Brasil-Alemanha patrocinou um especial concerto da Orquestra de Câmara de Blumenau, sob a regência do Maestro Norton Morozowicz, no auditório do Teatro Carlos Gomes e com a presença de numeroso público.

— DIA 8 — Reuniu-se o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau, para tratar, além de outros, dois assuntos muito im-

portantes: homenagem póstuma ao presidente do Conselho, Dr. Afonso Rabe, falecido dia 1.º e homenagem ao conselheiro Frederico Kilian que nesse dia comemorava seus 90 (noventa) anos de uma existência bem vivida e utilíssima em benefício da comunidade.

— DIA 9 — Segundo informações prestadas à imprensa pela chefia do Serviço de Trânsito, caiu o número de ocorrências no trânsito de Blumenau, nos primeiros cinco meses deste ano, comparado com o mesmo período no ano de 1987. Segundo o levantamento daquele Serviço, este ano, de janeiro a maio, foram registrados 1.383 acidentes, contra 1.553 ocorridos no ano passado.

— DIA 13 — Em solenidade muito concorrida, foi aberto, no Auditório de Ciências Humanas — CCH, em Florianópolis, o Primeiro Colóquio Internacional Sobre a Escravidão no Brasil, cujo vasto e bem selecionado programa de 13 a 17, foi acompanhado com animadora participação.

— DIA 16 — Uma justa homenagem foi prestada à memória de Annemarie Techentin, que durante muitos anos foi secretária, chefe de expediente e ativa auxiliar no setor jurídico da prefeitura, servindo diversos prefeitos de Blumenau. O prefeito Dalto dos Reis inaugurou, neste dia, a Escola "Annemarie Techentin", localizada no subúrbio de Ribeirão Branco (Weissbach) e que já vinha prestando serviços à comunidade. A escola atua com dois turnos e dispõe de todas as instalações necessárias ao maior conforto das crianças.

— DIA 16 — O prefeito Dalto dos Reis inaugurou às 17 horas, duas novas salas de aula da E.B.M. "Almirante Tamandaré", localizada na rua República Argentina.

— DIA 18 — Prosseguindo no cumprimento de seu programa voltado para a ampliação de recursos para o ensino, o Prefeito Dalto dos Reis inaugurou no bairro Água Verde, duas novas salas de aula.

— DIA 19 — Com a apresentação de diversos grupos musicais da região, a partir das 9 horas da manhã, realizou-se, na Praça Juscelino Kubitschek, na Prainha, o show "Blumenália-88", que contou com a presença de numeroso público. O acontecimento foi promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

— DIA 24 — Às 16 horas, o prefeito Dalto dos Reis inaugurou oficialmente a ponte "Eng.º Gerhardt Neufert", que passou a servir de ligação da Avenida "Castelo Branco" com a rua Martin Luther, a segunda opção de tráfego de veículos em direção ao bairro de Itoupava Seca, uma obra muito importante e que acompanha o traçado da antiga Estrada de Ferro Santa Catarina.

— DIA 30 — Informações prestadas à imprensa pelo Serviço de Imprensa da Prefeitura, adiantam que a Assessoria Especial do Meio Ambiente Municipal — AEMA —, fechou o semestre com um total de 274 (duzentas e setenta e quatro) palestras sobre a educação ambiental nas 37 escolas da rede municipal de ensino e outras 20 do Estado, abrangendo, com isso, 17 mil alunos e dando, assim, ampla contribuição à campanha de esclarecimento à juventude sobre a necessidade da preservação do meio ambiente.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente
— Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA